

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME  
(ORGANIZADOR)**



**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO  
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO  
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 5**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME  
(ORGANIZADOR)



A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO  
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO  
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 5

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E724 A educação como diálogo intercultural e sua relação com as políticas públicas 5 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-54-6

DOI 10.22533/at.ed.546201903

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.  
3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 370.710981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422**

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” compila pesquisas em torno de um debate atualizado e propositivo sobre a educação no Brasil. Apresentamos um conjunto de resultados e propostas que visam contribuir com a educação brasileira a partir de um diálogo intercultural e suas relações com as políticas públicas em educação.

São 108 artigos divididos em 5 Volumes. No Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Políticas Públicas, Gestão Institucional e História e Desafios Socioeducacionais, totalizando 20 textos inéditos.

No Volume 2, os temas selecionados foram Educação Superior e Formação de Professores. São 21 artigos que chamam para um diálogo propositivo e instigante. O índice é um convite a leitura.

Compõe o Volume 3, 25 artigos em torno das temáticas Prática Pedagógica, Educação Especial e Interdisciplinaridade. Este volume é bem crítico e traz propostas inovadoras que merecem atenção especial do leitor.

O Volume 4 traz 20 artigos bem estruturados e também inéditos que discorrem sobre práticas e propostas para a prática do uso das tecnologias em espaço escolar e da Educação de Jovens e Adultos.

Fechamos a obra com 22 artigos selecionados para o Volume 5, agrupados em torno das temáticas do Ensino Fundamental, da Educação Infantil e de Gênero e Racismo.

A obra “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” está completa e propõe um diálogo útil ao leitor, tanto no desenvolvimento de novas pesquisas quanto no intercâmbio científico entre pesquisadores, autores e leitores.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL  |           |
| Eliana Citolim Rech<br>Franciele Silva de Oliveira<br>Marcos da Silva Portella<br>Murilo Miguel Schmitz<br>Maria Cristina Chimelo Paim |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019031</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>7</b>  |
| A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO ENTRE PAIS, FILHOS E ESCOLA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM  |           |
| Bianca Andrade de Moraes   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019032</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>13</b> |
| A PARTICIPAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS DE ALUNOS DE UMA TURMA DE PROJETO COMO ELEMENTO MOTIVADOR NA APRENDIZAGEM                              |           |
| Marcilene Lopes Leal Sameiro<br>Márcia Lopes Leal Dantas   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019033</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>21</b> |
| ADOLESCENTES POSSUEM ESTRESSE NO MOMENTO DA ESCOLHA PROFISSIONAL?  |           |
| Thaís Cristina Gutstein Nazar<br>Nathara Caroline Fernandes<br>Geisiane Gasparin Ramos   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019034</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>29</b> |
| APRENDIZAGEM BASEADA EM EQUIPES: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I   |           |
| Miryan Cristina Buzetti  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019035</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>35</b> |
| CIÊNCIAS HUMANAS NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA ENVOLVENDO A TEMÁTICA DO RESPEITO E DA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL     |           |
| Renato Kendy Hidaka<br>Genivaldo de Souza Santos   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019036</b>   |           |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 7 .....</b>   | <b>45</b> |
| <b>COMPORTAMENTO E DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL CONTEMPORÂNEO DE JOVENS E ADOLESCENTES NO COTIDIANO ESCOLAR</b>  |           |
| Greyce Roberta de Souza   |           |
| Gustavo Roberto Martins   |           |
| Thais Aparecida de Castro Ramos Pollice   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019037</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 8 .....</b>   | <b>50</b> |
| <b>ESTUDO DO PERFIL MOTIVACIONAL PARA A APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS, COM APLICAÇÃO DE METODOLOGIA ATIVA EM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS</b> |           |
| Renata Arantes dos Santos   |           |
| Jean-Jacques Georges Soares de Grootte  |           |
| Daniela Maria Lemos Barbato Jacobovitz  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019038</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 9 .....</b>   | <b>59</b> |
| <b>INTERVENÇÃO EDUCACIONAL SOBRE ABORTAMENTO NO BRASIL COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO</b>   |           |
| Bruna Mendes Ballen   |           |
| Bárbara Fernanda Marinho de Freitas   |           |
| Laura Cunha Hanitzsch   |           |
| Letícia Fiuza Canal   |           |
| Silvana Galvani Claudino-Kamazaki   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.5462019039</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 10 .....</b>  | <b>66</b> |
| <b>O ATENDIMENTO EXTRACLASSE COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL</b>   |           |
| Cícero Batista dos Santos Lima  |           |
| Marco Antonio de Carvalho   |           |
| Reinaldo Araujo Gregoldo  |           |
| José Carlos Moreira de Souza  |           |
| Cinthia Maria Felicio   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.54620190310</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 11 .....</b>  | <b>79</b> |
| <b>ORIENTAÇÃO ESPACIAL DE CRIANÇAS DE 11 ANOS PRATICANTES DE XADREZ</b>   |           |
| Matheus Ramos da Cruz   |           |
| Ulhiana Maria Arruda Medeiros   |           |
| Pâmella Cristina Dias Xavier  |           |
| Telma Antunes Dantas Ferreira   |           |
| Katarina Pereira dos Reis   |           |
| Jomilto Luiz Praxedes dos Santos  |           |
| José Antonio Vianna   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.54620190311</b>   |           |

**CAPÍTULO 12 ..... 90**

**PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL E PRÁTICAS INTEGRADORAS NO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES DOCENTES**

Elciane Arantes Peixoto Lunarti  
Patrícia Arantes Peixoto Borges  
Patrícia Garcia Souza Padovani  
Cinthia Maria Felicio

**DOI 10.22533/at.ed.54620190312**

**EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAPÍTULO 13 ..... 102**

**APEGO: IMPORTANTE ELEMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS**

Nathália Ferraz Freitas  
Cinthia Magda Fernandes Ariosi

**DOI 10.22533/at.ed.54620190313**

**CAPÍTULO 14 ..... 108**

**CONTRIBUIÇÕES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA A BRINCADEIRA DE PAPÉIS NA INFÂNCIA**

Bruna Ribeiro de Oliveira Mendes  
Paula Ramos de Oliveira  
Denis Domeneghetti Badia

**DOI 10.22533/at.ed.54620190314**

**CAPÍTULO 15 ..... 116**

**O TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CORPO**

Aldileia da Silva Souza  
Eduardo de Freitas Bezerra  
Denise Soares Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.54620190315**

**CAPÍTULO 16 ..... 131**

**UM ESTUDO PILOTO SOBRE PERSPECTIVAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Keli dos Santos Guadagnino  
Jáima Pinheiro de Oliveira  
Mariana Magni Bueno Honjoya

**DOI 10.22533/at.ed.54620190316**

**CAPÍTULO 17 ..... 139**

**UM OLHAR SENSÍVEL PARA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS**

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos  
Daniela Gomes Medeiros

**DOI 10.22533/at.ed.54620190317**

**CAPÍTULO 18 ..... 149**

**A PESQUISA NO/DO COTIDIANO ESCOLAR: OUVINDO AS VOZES DAS CRIANÇAS**

Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria

Renata Silva Lima

Myrtes Dias da Cunha

**DOI 10.22533/at.ed.54620190318**

**GÊNERO E RACISMO**

**CAPÍTULO 19 ..... 157**

**E O PASSADO É UMA ROUPA QUE NÃO NOS SERVE MAIS: ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A HETEROIDENTIFICAÇÃO FENOTÍPICA EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

Eric Rodrigues de Lima

Cristiane da Silveira

Laudicéia Fagundes Teixeira

Paulo Alberto dos Santos Vieira

Simone Ferreira Soares dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.54620190319**

**CAPÍTULO 20 ..... 179**

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ-NATAL DO PARCEIRO: REFLEXÕES SOBRE PATERNIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO**

Railene Pires Evangelista

Marília Emanuela Ferreira de Jesus

Georgiane Silva Mota

Daine Ferreira Brazil do Nascimento

Diana Santos Sanchez

**DOI 10.22533/at.ed.54620190320**

**CAPÍTULO 21 ..... 188**

**PERSPECTIVAS DAS DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS: O DEBATE NO ÂMBITO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL HENRIQUE LAGE (ETEHL/FAETEC-RJ)**

Andrea Peres Lima

Marcelo Farias Lorangeira

**DOI 10.22533/at.ed.54620190321**

**CAPÍTULO 22 ..... 203**

**RELATO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA SOBRE IDENTIDADE E RACISMO**

Rodrigo Leonardo Offerni

Thaís Cavalcanti dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.54620190322**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 217**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 218**

## CIÊNCIAS HUMANAS NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA ENVOLVENDO A TEMÁTICA DO RESPEITO E DA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL

Data de aceite: 11/03/2020

### Renato Kendy Hidaka

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)  
Birigui – São Paulo  
<http://lattes.cnpq.br/9384574912380823>

### Genivaldo de Souza Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)  
Birigui – São Paulo  
<http://lattes.cnpq.br/7871345424315866>

**RESUMO:** Este capítulo tem como objetivo apresentar uma proposta didática envolvendo a temática do respeito e da valorização da diversidade cultural voltada às disciplinas de ciências humanas no ensino médio. Dividido em três partes, apresenta, na primeira, uma breve discussão sobre os conceitos de cultura, destacando o modo como este foi apropriado e ressignificado pelas teorias antropológicas a partir do século XIX. Na segunda, aborda os conceitos de etnocentrismo e relativismo cultural, situando-os na problemática antropológica culturalista. Na terceira, e última parte, apresenta uma sequência de atividades de ensino-aprendizagem, desenvolvidas com turmas de primeira série do ensino médio, relacionadas à temática do respeito e da

valorização da diversidade cultural. Como instrumento de avaliação dessas atividades, além dos relatos orais dos discentes, aplicou-se um questionário aberto com a finalidade de apreender as opiniões e as percepções dos educandos sobre o tema. Conclui-se, a partir da análise qualitativa dos registros, que o ensino de ciências humanas no ensino médio pode oferecer contribuições significativas para a aquisição de disposições para agir e pensar em conformidade com o preceito do respeito e da valorização à diversidade cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. Ciências Humanas. Etnocentrismo. Respeito. Diversidade Cultural.

### HUMAN SCIENCES IN HIGH SCHOOL EDUCATION: A DIDACTIC PROPOSAL ENCOMPASSING RESPECT AND THE VALUATION OF CULTURAL DIVERSITY

**ABSTRACT:** This chapter aims to present a didactic proposal involving the respect and appreciation of cultural diversity encompassing human sciences teachers in high school. This research is stratified in three parts: at first, a brief discussion about the concepts of culture, focussing in the way it was appropriated and reframed by anthropological theories from

the nineteenth century. In the second, it addresses the concepts of ethnocentrism and cultural relativism, placing them in the cultural anthropological problematic. The third, and last part, presents a sequence of teaching-learning activities, developed at first grade high school classes, discussing the theme of respect and appreciation of cultural diversity. As an instrument of evaluation of the activities, besides the oral reports of the students, an open questionnaire was applied in order to apprehend the students' opinions and perceptions about the subject. It was concluded from the qualitative analysis of the records that the human sciences teaching in high school can make significant contributions to the acquisition of dispositions to act and think in accordance with the precept of respect and appreciation of cultural diversity.

**KEYWORDS:** Teaching. Human sciences. Ethnocentrism. Respect Cultural diversity.

## 1 | INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos uma proposta didática direcionada ao ensino médio que pode auxiliar professores da área de ciências humanas a promoverem, juntamente com seus alunos, a valorização e o respeito à diversidade cultural. Para expor esta proposta didática, dividimos o texto em três partes. Na primeira, apresentamos uma breve discussão sobre o conceito de cultura, destacando o modo como ele foi apropriado e ressignificado pelas teorias antropológicas, fundamentalmente, a partir do século XIX. Parte-se aqui da compreensão de que sem conhecer as definições atribuídas ao conceito de cultura no campo da antropologia não é possível estabelecer qualquer reflexão rigorosa acerca do que seja a diversidade cultural. Entende-se, assim, que a apreensão de tal conceito é um dos pressupostos para se pensar a diversidade existente entre diferentes sociedades, bem como a diversidade existente no interior de uma mesma sociedade.

Na segunda parte, introduzimos os conceitos de etnocentrismo e relativismo cultural, enfatizando a sua importância para o desenvolvimento de uma postura crítica diante do “outro” cultural. Nestas duas primeiras partes, realizamos, do ponto de vista da metodologia adotada, uma abordagem pautada na revisão bibliográfica da literatura pertinente ao tema.

Na terceira, e última parte, apresentamos uma proposta didática para o ensino médio direcionada à temática do respeito e da valorização da diversidade cultural, que envolveu a contribuição e participação de professores das disciplinas de Sociologia, Filosofia, História e Geografia do ensino médio.

O trabalho foi desenvolvido com base em metodologia experimental qualitativa. Na metodologia experimental qualitativa, conforme Rosa, “o pesquisador altera o ambiente estudado de alguma maneira e analisa o efeito desta alteração.” (2015, p. 61). Neste caso, intervimos, mediante atividades pedagógicas que compõem

a proposta didática, em duas turmas de primeira série do ensino médio de uma escola pública federal localizada no município de Birigui, interior de São Paulo. As intervenções ocorreram entre os meses de fevereiro a abril de 2017. Integraram as atividades pedagógicas seis aulas expositivas dialogadas, participação em mesa-redonda, participação em roda de conversa e apreciação de trabalho cultural.

As aulas expositivas dialogadas ocorreram na disciplina de Sociologia. Com duração de cinquenta minutos cada, foram ministradas em três semanas e tiveram como conteúdo os conceitos de cultura, etnocentrismo e relativismo cultural.

A mesa-redonda, intitulada “Resistir para existir: todo dia é dia de índio”<sup>1</sup>, foi desenvolvida na própria instituição de ensino. Foi conduzida por dois professores da instituição e abordou o tema da identidade e da diferença, a partir do filme *Terra vermelha*, de Marco Bechis.

A roda de conversa contou com a participação de lideranças da aldeia indígena *Icatu*, situada no município de Braúna/SP. Na ocasião, os alunos puderam assistir a uma apresentação de dança cerimonial das tribos *Kaingang* e *Terena*. O intuito da atividade foi o de possibilitar o conhecimento e a valorização das diferentes manifestações culturais dessas etnias indígenas, de modo a preservar o direto e o respeito à diversidade, enquanto princípio ético, estético e político.

Para avaliar esse conjunto de atividades, aplicou-se um questionário aberto, que foi utilizado como instrumento de coleta de dados, a fim de apreender as opiniões e percepções dos discentes. Buscamos, ao final, demonstrar se os resultados das intervenções pedagógicas foram, ou não, eficazes na produção de disposições para agir e pensar em conformidade com o preceito do respeito e da valorização da diversidade cultural.

## 2 | VALORIZANDO O RESPEITO À DIVERSIDADE CULTURAL POR MEIO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA: O CONCEITO DE CULTURA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) Ensino Médio – Ciências Humanas e suas tecnologias*, um dos marcos legais que referenciam os princípios e os conteúdos a serem desenvolvidos nos componentes curriculares pertencentes às ciências humanas no ensino médio, assinala-se que a Sociologia, compreendida como uma disciplina que comporta a contribuição pertinente ao conjunto das Ciências Sociais na escola média, englobando, portanto, conhecimentos de Antropologia, Ciência Política, Direito, Economia e Psicologia, tem entre suas competências:

---

1 Essas atividades fizeram parte da projeto “Resistir para existir: todo dia é dia de índio”, organizado pelos professores da área de ciências humanas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – câmpus Birigui. Para mais detalhes, ver: <<https://bri.ifsp.edu.br/portal2/index.php/informativos/700-dia-do-indio-resistir-para-existir-todo-dia-e-dia-de-indio>>.

Compreender e valorizar as diferentes manifestações culturais de etnias e segmentos sociais, agindo de modo a preservar o direito à diversidade, enquanto princípio estético, político e ético que supera conflitos e tensões do mundo atual”. (BRASIL, 2002, p. 90).

Nesse documento, salienta-se, ainda, que *cultura* é um dos conceitos estruturadores da Sociologia, enquanto componente curricular no ensino médio<sup>2</sup>. Do conceito de cultura, desdobram-se temas como: “identidade cultural”, “diversidade cultural”, “cultura popular”, “tradição e renovação cultural”, “contracultura”, “cultura e educação”, entre outros. (Ibidem, p.92).

Impõe-se esclarecer que, na exposição que segue, sugerimos um caminho a ser adotado, entre muitos outros possíveis, respaldado em experiência docente, para introduzir a discussão sobre o conceito de cultura e, vinculado a ele, a temática da diversidade cultural.

Em *Sociologia*, livro de introdução ao pensamento sociológico, Giddens apresenta-nos uma definição genérica para o termo. Segundo o autor, o conceito de cultura corresponde à “formas de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dentro da sociedade” (2005, p. 38). Essas formas de vida compreendem tanto “aspectos intangíveis – as crenças, as ideias e os valores que formam o conteúdo da cultura – como também aspectos tangíveis – os objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo” (Ibidem).

Para além dessa definição mais geral, no trabalho com os alunos, convém apresentarmos o desenvolvimento histórico do conceito de cultura, a fim de apontar as suas transformações e os seus diferentes significados no campo científico. Para realizar essa tarefa, precisamos nos remeter ao processo de desenvolvimento da antropologia no século XIX. A esse respeito, Cucho assinala que:

A introdução do conceito de cultura se fará com desigual sucesso nos diferentes países onde nasce a etnologia. Por outro lado, não haverá entendimento entre as diferentes “escolas” sobre a questão de saber se é preciso utilizar o conceito no singular (a Cultura) ou no plural (as culturas), em uma acepção universalista ou particularista. (1999, p.34-35).

É, pois, no interior da etnologia anglo-americana que verificamos uma das primeiras aplicações científicas da noção de cultura. Taylor, em sua obra *Primitive Culture*, publicada em 1871, e Morgan, em *Ancient Society*, de 1877, são os grandes nomes que empregaram, de forma inaugural, o conceito de cultura para analisar as sociedades humanas. Contudo, tanto Taylor quanto Morgan são conhecidos por operarem com um conceito relacionado à problemática evolucionista-universalista, sendo então conhecidos como fundadores da antropologia evolucionista cultural.

<sup>2</sup> Nas *Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências humanas e suas tecnologias*, também se destaca o conceito de cultura como conteúdo da disciplina de Sociologia. Ao lado dele, aparecem os conceitos de “sociedade, trabalho, produção, classe social, poder, dominação, ideologia, etc.” (BRASIL, 2006, p. 119).

Em resumo, para esses autores, as sociedades humanas poderiam ser classificadas com base nos estágios culturais que se encontravam organizadas, indo do primitivo/selvagem aos estágios mais avançados da humanidade, concebidos então como civilizados (MATHEWS, 2002).

Somente no século XX, sobretudo com os trabalhos de Boas, é que veremos a concepção evolucionista cultural ser abalada. Boas (2005) sustenta em suas obras que as sociedades humanas não percorrem um trajeto contínuo, como pensavam Taylor e Morgan, que vai do simples ao complexo. Ou seja, ele mostra, a partir de seus estudos etnográficos, que as sociedades ditas primitivas possuem organização tão complexa quanto as sociedades ditas civilizadas. Em decorrência disso, para Boas, não é possível, nesse sentido, classificar hierarquicamente as culturas humanas. Isto é, só se torna possível afirmar que uma cultura é superior a outra se utilizamos um critério arbitrariamente estabelecido. Entre culturas, não existe, portanto, de acordo com Boas, relação de desigualdade, e sim de diferenças, seja de valores, de princípios organizacionais, de modos de vida etc.

Estabelecida aquilo que se conhece hoje como antropologia cultural, as formulações de Boas serviram de base para diversos estudos. Entre eles, para a pesquisa de Herskovits, que culminou na obra *Man and His Works*, responsável por desenvolver a definição corrente de cultura como “modo de vida de um povo”. Nessa definição, cultura é entendida como aquilo que caracteriza a singularidade de um grupo ou sociedade, diferenciando-os de outros. Assim, com base nessa definição podemos falar em “cultura brasileira” (ou seja, o conjunto de valores que caracterizam e dão unidade ao povo brasileiro), “cultura espanhola”, “cultura estadunidense”, “cultura japonesa” etc. Ainda dentro da corrente da antropologia cultural, Benedict, mediante sua obra *Patterns of Culture*, deve ser destacada como a grande responsável por popularizar o emprego do conceito de cultura. (MATHEWS, 2002). Ao analisar povos indígenas norte-americanos, Benedict diz-nos que a cultura se compõe de elementos de origens dispares que são integrados por um padrão aglutinador particular. Na mesma linha, Mead (1973), em *Adolescência, Sexo e Cultura em Samoa*, procurou questionar as formulações circundantes no imaginário do senso comum que sustentavam que os problemas acometidos por meninas de Samoa deviam-se a fatores ligados à adolescência, enquanto patologias biologicamente determinadas, e defende que tais problemas eram decorrentes de fatores culturais particulares.

O conceito de cultura, como exposto até aqui, é fortemente marcado pela antropologia cultural norte-americana. Vale assinalar que a antropologia francesa bem como a britânica, ao centrarem-se no conceito de *estrutura social*, relegam tal noção, dando-lhe um lugar explicativo, quando muito, marginal. A esse respeito, cabe mencionar os clássicos da antropologia francesa e britânica: Mauss, Evans-

Pritchard, Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss – para não nos alongarmos muito.

Esse esclarecimento é necessário para situar o leitor (e os alunos) na problemática teórica a qual pertence o tema da diversidade cultural. Ainda sobre o conceito de cultura: nas últimas décadas, com o avanço do fenômeno da globalização, estudiosos diversos têm colocado em questão o conceito de cultura tal como definido pelos culturalistas. O aspecto que nos parece central da crítica levada a efeito por tais estudiosos consiste no seguinte argumento: o fluxo de valores, de pessoas, de capital têm colocado em cheque a possibilidade de caracterização unitária dos diferentes povos. Se não é possível falar em cultura global, tampouco é possível pensarmos limites rígidos que separariam cada cultura singular, possibilitando identificar inequivocamente as diferentes “culturas”, no sentido de modo de vida particular de um povo.

### 3 | ETNOCENTRISMO E RELATIVISMO CULTURAL

No interior da problemática antropológica culturalista, Rocha (1988) define o etnocentrismo como um fenômeno no qual a nossa perspectiva de mundo, ou seja, os nossos valores culturais, são colocados como centro de referência para a análise de outros povos, culturalmente diferentes de nós. Esse tipo de postura-visão dificulta, segundo Rocha, a compreensão da diferença, pois o “outro” é avaliado com base nos nossos padrões culturais. Ao fazê-lo, ignoramos os critérios de organização social de outros povos. Diz-nos o autor:

De um lado, conhecemos um grupo do “eu”, o “nosso” grupo, que come igual, veste igual, gosta de coisas parecidas, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses, casa igual, mora no mesmo estilo, distribui o poder da mesma forma, empresta à vida significados em comum e procede, por muitas maneiras, semelhantemente. Aí, então, de repente, nos deparamos com um “outro”, o grupo do “diferente” que, às vezes, nem sequer faz coisas como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis. E, mais grave ainda, este “outro” também sobrevive à sua maneira, gosta dela, também está no mundo e, ainda que diferente, também existe. (ROCHA, 1988, p.5)

Ao adotarmos uma postura etnocêntrica, continua:

O grupo do “eu” faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível. Este processo resulta num considerável reforço da identidade do “nosso” grupo. No limite, algumas sociedades chamam-se por nomes que querem dizer “perfeitos”, “excelentes” ou, muito simplesmente, “ser humano” e ao “outro”, ao estrangeiro, chamam, por vezes, de “macacos da terra” ou “ovos de piolho”. De qualquer forma, a sociedade do “eu” é a melhor, a superior. Representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do “outro” é atrasada. E o espaço da natureza. São os selvagens, os bárbaros. São qualquer coisa menos humanos, pois, estes somos nós. O barbarismo evoca a confusão, a

A atitude etnocêntrica é aquela em que o outro é destituído do poder de emissão discursiva para falar de si. Ao adotarmos o etnocentrismo, não operamos com a noção de diferença cultural. Classificamos e hierarquizamos o “outro” a partir dos nossos padrões. Assim, o outro é visto pelo crivo de categorias como igualdade/superioridade/inferioridade. O etnocentrismo pode ser detectado em afirmações como a de que os povos indígenas não utilizam roupas, por exemplo. Ao que, do ponto de vista da antropologia cultural, pode-se questionar: eles não utilizam roupas ou não usam roupas em conformidade com os nossos padrões culturais – isto é, com aquilo que definimos como “roupas”? À postura etnocêntrica, a antropologia cultural e social propõe-nos a adoção do relativismo cultural. Este – o relativismo cultural – seria uma postura na qual os indivíduos pertencentes a uma dada cultura suspenderiam seus juízos de valores para “enxergar” a cultura (a riqueza da diversidade) do “outro”. Ou seja, relativizamos os nossos valores culturais – retirando-os momentaneamente do centro – para que então nos coloquemos diante de outros padrões de organização societal. A partir da ótica relativista, a diferença não é entendida como uma ameaça à minha cultura, como algo inferior ou menos evoluído, mas como uma possibilidade de ser no mundo e, enquanto tal, como expressão da riqueza e pluralidade das formas de culturas humanas.

#### **4 | O ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E O RESPEITO À DIVERSIDADE CULTURAL**

A sequência de atividades de ensino-aprendizagem que relataremos aqui foi desenvolvida tanto em aulas de Sociologia quanto em aulas de disciplinas vinculadas à área de humanas.

As aulas expositivo-dialogadas foram realizadas na disciplina de Sociologia, e estão inseridas em um plano de ensino articulado, compreendendo as três séries do ensino médio.

Vejamos agora onde – em qual sequência didática – essas aulas estão situadas. Na primeira série, começamos a discussão sobre diversidade cultural ainda no primeiro semestre letivo, logo após abordarmos a diferença entre as características do olhar científico (baseado no rigor metodológico e na explicação causal) e a do olhar do senso comum. O primeiro conceito que apresentamos em sala de aula para iniciarmos a reflexão científica sobre o mundo social é o conceito de cultura. Perguntamos aos alunos: o que é cultura, conforme as definições correntes no senso comum? Ou ainda: o que entendemos por cultura? As definições dadas pelos discentes são anotadas no quadro para, em seguida, serem contrastadas com algumas das definições que

encontramos no campo científico: 1) cultura como valor, 2) cultura como modo de vida de um povo e 3) cultura como mercadoria-entretenimento. A primeira definição é relacionada à concepção evolucionista cultural. A segunda, ao sentido atribuído pela antropologia cultural. E a terceira, à definição de cultura como produto da indústria cultural. Explicamos que a noção de cultura é polissêmica, ou seja, possui diversas definições, variando de acordo com o autor ou teoria empregada.

Partindo da diversidade de definições que a noção de cultura compreende, deixamos claro aos alunos que operaremos, nesse primeiro momento do curso, com a segunda definição: a de cultura como modo de vida de um povo.

A partir daí, introduzimos o conceito de *processo de socialização* e apresentamos a tese culturalista de que não há vida humana sem cultura. Ou seja, partimos da ideia de que, diferentemente de outros animais, os homens, por sua condição ontogenética, são seres que necessitam da cultura para sobreviverem. A relação dos humanos com o mundo objetal e com outros seres humanos é mediada pela cultura. Nascermos de um modo culturalmente determinado (portanto, variável), procriamos de um modo culturalmente determinado, estabelecemos laços de uma forma culturalmente determinada. Nossa forma de enxergar o mundo é culturalmente determinada. Exemplos diversos são oferecidos aos alunos, assim como solicitamos que eles nos ofereçam exemplos a respeito. As cores, o belo, o feio, o elogiável, o repreensível, passam por critérios de definição socioculturais. É possível dialogar com o conhecimento adquirido pelos alunos em outras disciplinas, como a História. Quando afirmamos que na Grécia Antiga os espartanos selecionavam as crianças ao nascer, sendo que os não aptos, segundo os critérios estabelecidos, eram rejeitados, é comum que os alunos fiquem horrorizados. Esse horror diante de tal situação, vale salientar, é cultural. Quando aprendemos que em determinadas tradições indígenas crianças com *necessidades especiais* são separadas do convívio social, muitos ficam chocados. Ora, a intenção aqui é fazer notar que esse choque é culturalmente determinado. A tendência é olharmos para esses povos e tradições e recriminá-los. Ao fazê-lo, preconceituosamente, estamos assumindo uma postura etnocêntrica.

Em muitas situações, acreditamos que nosso julgamento tem como base um critério universalmente válido. Quando estamos diante de uma personalidade considerada bonita, por exemplo. Afinal, quem não acharia celebridades como Megan Fox ou Caio Castro belos? Provavelmente, povos com outros padrões culturais de beleza não achariam. Da mesma forma, indivíduos considerados belos por outros povos (culturalmente diverso ao nosso) muito provavelmente não nos atrairiam. Será que consideraríamos atraente o mais belo – considerado por eles – representante dos *Terena* ou dos *Kaingang*? O ensino de ciências humanas e, mais especificamente, de ciências sociais, por meio de conceitos como o etnocentrismo e o relativismo cultural, possibilita que os estudantes reflitam sobre seus padrões,

questionando o valor absoluto de seus julgamentos cotidianos. Possibilita que o “eu” se coloque no lugar do “outro”, levantando questões como: qual é o sentido de tais comportamentos naquela organização social? Os meus valores devem ser impostos ao resto do mundo como superiores ou posso aprender com as outras culturas? Ao conhecer as sociedades indígenas, descobrimos que elas possuem um modo de vida autossustentável baseado na preservação da natureza. Quem, afinal, é primitivo/selvagem? É possível essa hierarquia valorativa?

Após as aulas sobre os conceitos de cultura, etnocentrismo e relativismo cultural, os alunos das duas turmas da primeira série participaram das atividades do projeto *Resistir para Existir...*, cujo objetivo geral é problematizar o “dia do índio” bem como valorizar a diferença cultural dos povos indígenas.

No dia 18 de abril, exibimos o filme *Terra Vermelha* e, em seguida, entabulamos uma mesa-redonda com a participação das duas turmas da primeira série. O filme, de 2008, narra o drama dos índios *Guarani-kaiowá* em Dourados, no Mato Grosso do Sul.

Interessa salientar a ampla participação dos alunos no debate, tocados pela situação vivida pelos *Guarani-kaiowá*: pobreza, alcoolismo, depressão, choque cultural, conflitos com fazendeiros, entre outros. Elementos como o papel do Estado, da sociedade civil e da educação apareceram com bastante frequência na discussão.

No dia 24 do mesmo mês, ainda como parte do evento, o IFSP – câmpus Birigui recebeu a visita dos membros da aldeia Icatu. Houve, primeiramente, uma mostra de trabalhos artesanais produzidos pelos *Terena* e *Kaingang*, que aconteceu na área descoberta da instituição. Em seguida, ocorreu um amplo debate com as lideranças, que explicitaram os desafios de preservar a identidade indígena na atualidade brasileira. Após a roda de conversa, toda a comunidade do câmpus pôde apreciar algumas das danças rituais próprias da aldeia.<sup>3</sup>

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para apreender os resultados dessas experiências, aplicamos um questionário aberto contendo duas questões, a saber: 1) “Os conceitos de etnocentrismo e relativismo cultural são relevantes para a formação de uma postura que respeite às diferenças culturais?” 2) “O conhecimento da área de humanas interferiu no modo como você se relacionou com *os Terena* e *os Kaingang*?”.

Os alunos relataram, em sua ampla maioria, que sentiram um estranhamento no contato com os membros da aldeia de Icatu, ressaltando, principalmente, as diferenças estéticas relativas às indumentárias. Nenhuma das respostas dos

<sup>3</sup> Para mais detalhes, com registro fotográfico das atividades, ver: *IFSP – Birigui recebe visita da aldeia Icatu*, IFSP – câmpus Birigui, 02 mai. 2017. Disponível em: <<https://bri.ifsp.edu.br/portal2/index.php/informativos/716-ifsp-birigui-recebe-visita-da-aldeia-icatu>>.

discentes, encontradas nos questionários, sugere ou evidencia qualquer tipo de hierarquia na comparação com a cultura daquelas etnias. Os costumes, vestimentas e instrumentos foram enaltecidos em suas diferenças. É possível identificar nas respostas uma ampla mobilização dos conceitos de relativismo cultural. Uma parcela menor de alunos também destacou a mudança de percepção e ação em relação à diversidade/diferença cultural.

Nesse sentido, sustentamos, como forma de conclusão, que o ensino de ciências humanas pode, sim, contribuir para a construção de conhecimentos na perspectiva da valorização das diferenças culturais. Mais do que isso, pode contribuir para a valorização cultural que coloque o “outro” como o agente do discurso, real, conflitivo e passível de respeito, e não como um “outro” mítico, selvagem e primitivo – e, portanto, distante e inferior a “nós”.

## REFERÊNCIAS

BOAS, F. **Antropologia cultural**. 2 ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

INSTITUTO Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo. **Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – Dossiê 2017/2018**. Disponível em: <<https://www.ifsp.edu.br/images/reitoria/Nucleos/Neabi/DOSSI-NEABI-2018---Aes-referente-a--setembro-2017-a-agosto-2018.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

IFSP – Birigui recebe visita da aldeia Icatu, **IFSP – campus Birigui**, 02 mai. 2017. Disponível em: <<https://bri.ifsp.edu.br/portal2/index.php/informativos/716-ifsp-birigui-recebe-visita-da-aldeia-icatu>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

MATHEWS, G. **Cultura global e identidade individual: à procura de um lar no supermercado global**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MEAD, M. **Adolescência y cultura en Samoa**. 4 ed.. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973.

MENESES, P. Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. **Síntese – Rev. de Filosofia**. v. 27, n. 88, 2000.

ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROSA, P. R. S. **Uma introdução à pesquisa qualitativa em ensino**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto 59, 61, 62, 63, 65

Adolescência 6, 21, 22, 25, 39, 45, 46, 110, 186

Apego 102, 103, 104, 105, 106, 107

Aprendizagem 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 41, 46, 50, 51, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 87, 88, 89, 93, 109, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 135, 142, 182, 204

Aprendizagem Baseada em Equipes 29, 30, 31, 33, 34

Atendimento extraclasse 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76

### B

Bebê 61, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 135, 141, 144, 145, 147, 183, 184, 185

Bebeteca 139, 140, 141, 142, 144, 147, 148

### C

Ciências Sociais 34, 37, 42, 44, 108, 110, 112, 138, 148

Comportamento 3, 10, 11, 17, 45, 51, 57, 103, 104, 109, 112, 118, 119, 120, 198

Cotidiano escolar 13, 15, 16, 18, 19, 20, 45, 78, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 203

Crianças 1, 3, 5, 9, 16, 34, 42, 61, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 102, 103, 104, 106, 107, 112, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 135, 136, 138, 139, 142, 143, 144, 149, 150, 153, 154, 155, 156, 182, 196, 199

Cultural 16, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 59, 60, 64, 91, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 127, 128, 148, 152, 153, 155, 157, 163, 167, 176, 189, 190, 199, 200, 203, 204, 210, 216

### D

Deficiência 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 159, 167

Desempenho Motor 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88

Desenho 47, 116, 126, 154

Desenvolvimento 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 16, 22, 23, 27, 28, 33, 36, 38, 45, 47, 48, 49, 60, 61, 67, 78, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 125, 128, 129, 130, 137, 138, 143, 144, 162, 169, 170, 171, 172, 177, 179, 181, 182, 185, 186, 205, 210

### E

Educação do corpo 116, 117, 127, 128, 129

Educação Estética 139, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 148

Educação Física Escolar 1, 3, 88

Educação Infantil 88, 109, 115, 116, 117, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 141, 142, 148, 155

Educação Sexual 59, 60, 61, 65

Ensino Fundamental 1, 2, 3, 29, 31, 34, 50, 52, 53, 57, 88, 89, 203, 204

Ensino Médio 25, 35, 36, 37, 38, 41, 44, 46, 59, 62, 66, 67, 70, 74, 76, 77, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 115, 159, 190, 210

Ensino médio integrado 77, 90, 91, 93, 94, 98, 99, 101

Ensino Médio Técnico Integrado 66, 74

Epistemologia Qualitativa 149, 150, 151

Escola 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 28, 29, 31, 37, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 79, 81, 82, 91, 95, 98, 99, 108, 109, 114, 115, 116, 118, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 150, 153, 155, 188, 189, 193, 194, 195, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 215

Escolha Profissional 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Estímulos adequados 1, 2

Estresse 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 49, 105, 106

## **F**

Família 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 22, 25, 26, 113, 126, 179, 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 193, 194, 196

## **I**

Inclusão 131, 132, 137, 138, 174, 181, 185, 190

## **J**

Jogos de papéis 108, 112

## **L**

Literatura Infantil 139

## **M**

Motivação 13, 15, 17, 18, 19, 20, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 104

Música 116, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 207, 215, 216

## **O**

Omnilaterallidade 90

Orientação espacial 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89

## **P**

Periodização histórico 108, 110, 114, 115

Pesquisa no/do cotidiano escolar 149, 150, 152

Politecnia 90, 92, 95, 101

## **R**

Relacionamento 7, 8, 11, 13, 18, 76, 118, 179, 183

Relato de Experiência 29, 31, 59, 179

Responsáveis 10, 13, 18, 19, 23, 52, 67, 83, 118, 166

## S

Sentimentos 45, 48, 63, 145

Sociologia da Infância 149, 154

## X

Xadrez 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**